

Celso Rossi
Arnaldo Setti
ADVOGADOS

3 de setembro de 1.964 - 5a. feira

Nº 25

A CRÔNICA DA CIDADE

Foi ontem à noite.

O frio voltara a nos visitar, após calmos e tranquilos dias ensolarados e quentes, que já nos davam a quase ce teza de que o inverno já se despedira de nós, nesse ano de mil novecentos e sessenta e quatro.

E devia ser mais ou menos dezenove horas.

Estávamos com toda a turma, conversando ali defronte a Bombonière do Aristides e a Banca de Revistas do João Baptistas.

Vocês sabem aonde fica, não?

Pois ali estávamos nós trocando idéias e comentando de tudo um pouco, quando por ali chegou um garotinho.

Trazendo pesados pacotes debaixo do braço, com uma lata vazia em uma das mãos, foi logo dizendo a todos nós, sem que nenhum de nós alguma coisa tivesse lhe indagado:

- É véiãõ, ganhei tudo isso do meu colega...

E terminando cada frase sua com a palavra "véiãõ", em poucos instantes êle já dominava a conversação e era o alvo das atenções de todos que por ali se encontravam.

E continuou então, sentindo-se "prestigiado" por todos, continuou então a "matracar" sem parar...

... contou que antes morava no Sanatório.

Mas, agora não...

Agora, e isso fazia uns quinze dias, êle mudara com a sua avó lá para o Jardim São Luiz.

- E será que a Circular demora, véiãõ? - Indagou o garoto.

E prosseguiu dizendo que,

"só de esmola para pegar a Circular, já arrecadei quase duzentos cruzeiros"

E ante o riso incrédulo daqueles que o cercavam, êle puxou do bolso uma porção de notas de dez e vinte cruzeiros, e exibiu para todos nós, num atestado eloquente de sua capacidade de "pedir" e de "esmolar"...

E talvez que êle tivesse ficado a noite toda contando e narrando as suas proezas de menino pobre mas "vivo", não tivéssemos nós um compromisso qualquer que nos impedia de ficar ouvindo as suas estórias de pedinte jacarézinense...